

Enfermidade em circulação: *Sou eu mesmo que noticia o meu tratamento*

Antônio Fausto Neto

Resumo: O presente artigo examina os processos de transformação dos jornalistas de mediadores em atores de acontecimentos. Toma-se, como objeto de análise, estratégias discursivas da coluna jornalística de Paulo Sant'Ana, na qual o enunciador constrói a trajetória de sua enfermidade a partir de operações autorreferenciais. O caso em análise reúne marcas dos processos de mutações que apontam para o deslocamento do jornalista da condição de "guardião do contato" para a de operador de trabalho discursivo, convertendo-se em fonte e objeto, e, ao mesmo tempo, em dinamizador interpretativo do próprio processo de inteligibilidade do acontecimento.

Palavras-chave: enunciação; mediação; jornalismo; autorreferência

Abstract: Efermerity in circulation: *I bring the news about my treatment myself.* The present article analyses the journalists' processes of transformation from mediators into events' actors. The object of analysis is centered in some discursive strategies of the newspaper column of Paulo Sant'Ana, in which the enunciator builds its path of efermerity from self-referential operations. The case study brings signs of mutation processes that aim at the displacement of the journalist's condition of "contact guardian" to the operator of a discursive work, turning him into both source and object, and at the same time, into interpretative dynamic leader of the event's process of intelligibility.

Keywords: enunciation; mediation; journalism; self-reference

Introdução

Em nossas últimas pesquisas sobre o funcionamento dos discursos jornalísticos, procuramos analisar mudanças significativas na coluna jornalística, a partir de estudos de duas situações de rupturas entre jornais e colunistas, que se caracterizaram pelo afastamento de seus responsáveis, de acordo com supostas quebras de pactos contratuais

relacionados aos princípios editoriais das organizações jornalísticas. O primeiro caso envolveu a queda do ombudsman da *Folha de S. Paulo*, em 2009, ao se recusar a acolher a solicitação do jornal para suspender mudanças por ele feitas nos processos de interação que envolviam a coluna e os leitores, na modalidade *online*. A tentativa do jornalista em alterar o caráter mediacional da coluna por outra interação, de natureza transversal, e a recusa do jornal por esse avanço significou turbulências nas relações da “Folha” com os seus leitores. Contrariados com o afastamento do jornalista – ombudsman –, os leitores interpelaram o jornal sobre o cumprimento dos princípios do seu “contrato de leitura” (“a Folha de rabo preso com o leitor”), desfeito nestas condições, por este acontecimento (FAUSTO NETO, 2008). A segunda pesquisa, por sua vez, analisou um ano depois o afastamento da psicanalista Maria Rita Kehl, da condição de colunista de *O Estado de S. Paulo*. Ao escrever artigo em defesa das políticas sociais do governo Lula, a colunista teria se afastado dos princípios acordados com o jornal, o qual esperava que ela abordasse temas psicológicos, enquanto especialista dessa atividade. O caso, que aconteceu às vésperas das últimas eleições presidenciais, desloca-se para a internet, gerando debate discursivo sobre o afastamento da colunista (FAUSTO NETO, 2011).

Os dois casos – complexamente mediados – estão marcados por amplo processo de circulação de discursos midiáticos. São acontecimentos protagonizados pelos dois colunistas. A crise do ombudsman teve seu desfecho na versão jornalística impressa, em que o jornalista Mario Magalhães se despede, escrevendo a última coluna, na qual anuncia os motivos de sua partida (FAUSTO NETO, 2008). O anúncio da saída da colunista Maria Rita Kehl consolida-se na internet, com fala própria, através de entrevistas, explicando as razões da demissão.

Os acontecimentos que se passam no ambiente jornalístico e nas colunas, enquanto espaço de mediação, parecem assumir um *status* próprio. Um ano após os registros mencionados, irrompe outro caso, que aponta para outra possível “ruptura”. Trata-se da transformação do *status* do colunista, que abandona o posto de mediador de relatos, para se converter, por força de uma enunciação autorreferente, no narrador de sua própria enfermidade. Registra a coluna Paulo Sant’Ana, do Jornal ZH, de Porto Alegre:

Tenho notado que o noticiário geral brasileiro, todos os dias, acompanha o tratamento contra o câncer do ator Reynaldo Gianecchini. Quem sou para que noticiem nacionalmente o meu tratamento de câncer? *Como não tenho a notoriedade dos atores da Globo, então sou eu mesmo que por vezes notícia o meu tratamento*” (Salvando o JA, Paulo Sant’Ana. ZH, p.47, Porto Alegre, 24.8.2001 – itálico nosso).

Responsável pela coluna há 39 anos, ele não vem a público apenas para confessar que esteja com câncer, mas para assumir uma outra enunciação: mediar sua própria enfermidade. Este ato e os efeitos de seu funcionamento transformaram a coluna em

diário ou *correspondência*, e nos levaram a eleger este fato como objeto de reflexão. Os dois casos acima lembrados estavam relacionados com aspectos de políticas editoriais, envolvendo jornais e seus especialistas, cuja repercussão ultrapassou as fronteiras do campo jornalístico.

O caso em análise não enseja, porém, rupturas nos processos editoriais, mas novas articulações entre o ambiente jornalístico e o leitorado, além de enfatizar processos pelos quais ocorre a transformação do jornalista em ator, apontando para novas potencialidades do ofício jornalístico. A nota da coluna acima citada aborda contingências que beneficiam coberturas de “olimpianos”, especialmente quando famosos e televisivos. Porém, seu conteúdo parece mais importante, pois anuncia o deslocamento do jornalista do posto de testemunha, ou de mediador, para o de enunciador de acontecimento que envolve a sua pessoa. Ou seja, o acontecimento resulta, explicitamente, de operações narrativas do próprio colunista. O jornalista converte-se em ator, transforma-se em fonte e, ao mesmo tempo, em objeto de sua cobertura, sendo também o próprio narrador desta complexa situação. Este artigo examina, portanto, o autorrelato do colunista que se desenrola ao longo de 2011, na coluna que recebe o seu próprio nome, e que é por ele assinada diariamente.

Da mediação à atorização: uma nota teórica

Antes de descrever as estratégias desenvolvidas nesta coluna, fazemos abaixo comentários de natureza conceitual a fim de que se possa compreender mutações na estrutura do trabalho de mediação dos jornalistas, especialmente aquelas que dizem respeito à coluna enquanto “elo de contato” interno e externo ao jornal.

Na “sociedade em vias de midiaticização”¹, observa-se que a noção de “olimpianos” expande-se, com outros atores do sistema de produção midiática ingressando nesta “galeria” – como é o caso dos jornalistas. O conceito de “olimpianos” talvez não dê mais conta da complexidade de um mundo de produção tecnossimbólica, distinto do contexto em que foi explicado o fenômeno da “cultura de massa”. O jornalismo é praticado em um novo universo comunicacional, no qual, além de ver sua atividade produtiva permeada por novas lógicas, o trabalho de seus atores se faz largamente apoiado em uma enunciação de caráter autorreferencial. Na então “sociedade dos meios” (marcada pelo protagonismo das mídias), os jornalistas funcionavam como uma espécie de “elo de contato” entre instituições e leitores, mas segundo enunciações que os mantinham à distância dos acontecimentos. Na atual sociedade em vias de midiaticização são convertidos em atores, segundo um outro modelo de performance midiática. São deslocados, ao lado dos leitores, para novas “zonas de contato” (FAUSTO NETO, 2009) nas quais produtores

1 - Aquela em que o funcionamento das instituições e de suas práticas se estruturam em relação direta com a existência dos meios (VERÓN, 2001, p.15).

e receptores projetam lógicas de suas experiências no trabalho enunciativo desenvolvido nessa nova instância interacional.

O fato de instituições e atores sociais estarem situados nessa ambiência da midiatização não faz desaparecer o jornalismo. Porém, sua atividade mediadora sofre transformações dentre as quais aquelas que precisam explicitar, de outra forma, a natureza do trabalho enunciativo dos jornalistas. Esse se faz em torno de uma outra *autopoiesis*, e para tanto fazem-se necessárias novas operações de referência, que, ao privilegiar sua própria atividade, chamam a atenção também para a existência e permanência deste ofício.

Neste novo cenário engendram-se novas estratégias de produção de sentidos que envolvem diretamente o trabalho dos jornalistas. Segundo nossa hipótese, por força da característica e dinâmica desse novo entorno comunicativo, os jornalistas são deslocados da instância mediacional – a partir da qual até então eram ouvidos, vistos, lidos – para a atividade atorial, na qual tomam parte, de um outro modo, do processo tecnodiscursivo de produção do simbólico-midiático. Em função de novas exigências, os jornalistas, convertidos em atores, praticam uma nova enunciação que escapa, muitas vezes, das regras e dos critérios das rotinas produtivas vigentes, e, assim, transformam o trabalho de inteligibilidade dos fatos em outros processos interpretativos.

Outrora, no contexto em que o jornalismo era disposto em regras e critérios autogerados pela redação, os meios eram lugares centrais para o exercício do trabalho de contato entre instituições e leitores. A noção de cobertura implicava na colocação em relação de fatos apanhados pela apuração, a partir de metodologias inerentes à cultura deste ofício. Os jornalistas ali “cuidavam”, por exemplo, dos “olimpianos”. Casos famosos eram por eles tecidos ou submetidos às suas inteligibilidades, tarefa que o discurso acadêmico também passou a desempenhar (FAUSTO NETO, 1988, 1991).

Na “sociedade em vias de midiatização”, em que tecnologias são transformadas em meios de comunicação, altera-se de modo radical a inserção destes na sociedade; e particularmente, mutações dão mostras de transformações complexas que afetam a *status* da função mediadora do jornalismo. Dentre tais mutações, a produção do acontecimento passa a depender mais de operações – que estão mais nas mãos das instituições e dos receptores do que simplesmente nas mãos dos jornalistas. A notícia já não resulta apenas do trabalho da enunciação operada por eles, enquanto “peritos”, mas também de outras transações que envolvem novos processos de apuração, cobertura e lógicas, que se expandem para além do controle deste ofício profissional.

O trabalho jornalístico é, de certa forma, permeado por operações de outras discursividades. Nesse contexto em que a mediação enfraquece, e referências identitárias desse trabalho parecem ser compartilhadas com o “mundo do amador”, o trabalho jornalístico de produção de referência busca, contudo, explicitar a existência do próprio enunciador, bem como dos processos que ele engendra, para construir realidades.

Isso se faz através de duas “táticas” que surgem como respostas do campo jornalístico, nessa “zona de contatos”: as práticas de enunciação autorreferencial e a ênfase no papel protagonista do jornalista na tessitura do acontecimento, no lugar do “fiel testemunhador”. Em certos casos, o próprio jornalista é convertido numa espécie de “cooperador” do acontecimento, atividade a meio caminho da própria atorização². No contexto das dinâmicas de novos processos de circulação, o jornalista vai ganhando o *status* de ator, no sentido daquele que vive e explicita a experiência do narrador, e de uma nova relação tecnossimbólica com o acontecimento.

Com isso, voltamos para a coluna Paulo Sant’Ana, através de um *corpus* discursivo que se estrutura a partir de operações, por intermédio das quais o autor enuncia sua própria doença. O caso reúne marcas desse processo de mutação, cujos registros apontam para o deslocamento do “perito” para a condição de personagem: suas operações, por força de uma atividade de representação, dão origem a um novo tipo de enunciador, aquele que, de alguma forma, faz uma singular “travessia discursiva”.

A coluna

A coluna, publicada há 39 anos, integra a topografia do jornal *Zero Hora*, como “dispositivo de contato”, e é situada na penúltima página de cada edição. Seu principal operador de identificação (título) é o próprio nome do colunista, Paulo Sant’Ana. Tal marca está associada a outros operadores de identificação: uma pequena foto colunista, no alto da página, na qual “posa” para o olhar do leitor. Sob o título, o e-mail do colunista, apoiado em uma vinheta, que separa estes dispositivos de identificação do corpo da matéria da coluna. Ainda como elementos identificadores do ambiente no qual a coluna está “instalada”, os endereços do *blog* do colunista e o *site* do jornal.

A coluna está dividida em cinco blocos de matérias, sendo este formato alterado quando matérias de maior relevância merecem ser inseridas em mais espaço. Nessas condições, o leitor se encontra com o jornalista todos os dias, a não ser em situações excepcionais – a exemplo de uma internação –, quando a coluna é assinada por um substituto.

Temporalidade e demais injunções oriundas do texto operam como suas condições de produção. Como temporalidades, destacam-se: (1) as repercussões das rotinas do próprio sistema jornalístico, que ensinam sobre a edição da coluna; (2) o estado de saúde do colunista submetido nos últimos meses a diferentes hospitalizações; (3) as condições clínicas por ele apresentadas, que permitem noticiar o seu tratamento); (4) a circulação do ator e dos seus materiais em diferentes mídias do “sistema RBS”: do jornal, ao ambiente digital, passando pela rádio, tevê e chamadas telefônicas, sendo estes dispositivos que mantêm,

2 - Por exemplo, ver matéria: “Batalha pela vida, Rosana luta contra o câncer de mama. Jornalista retirou tumor em agosto e agora faz sessões de quimioterapia”. Entrevista – ZH, p.32. Porto Alegre, 17/9/2011.

segundo o autor, o seu trabalho narrativo sobre sua enfermidade. Também como temporalidades, destacam-se as manifestações dos receptores dirigidas à coluna, ao e-mail, ao *blog*, à TV, à rádio, etc, nem sempre por ele respondidas. Sobre “injunções discursivas”: o autor “refaz” a coluna às diferentes mídias para os quais envia seus conteúdos, levando em consideração as regras técnicas-redacionais de cada uma. Enfatiza especialmente aspectos do desenvolvimento de sua terapia que podem interessar mais a um determinado meio do que a outro. Repercutem também sobre tais construções, registros vindos dos leitores. Em suma, “micro-acontecimentos” resultam dessa estratégia enunciativa, na medida em que cada mídia impõe ângulos de questões a serem por ele destacadas.

Grosso modo, a estrutura enunciativa do texto da coluna é constituída por três aspectos: (1) uma dimensão propriamente autorreferencial, na medida em que chama a atenção da própria existência da instância do enunciador da coluna; (2) uma segunda, de natureza descritiva, na qual enuncia sobre um mundo restrito, ou mais amplo, falando das relações que existem, por exemplo, entre sua enfermidade e aspectos que transcendem a seu momento pessoal; e (3) uma atividade de autodescrição sobre o impacto, como efeito do tratamento, sobre seu “espaço mental”.

A intervenção do leitor

Os leitores se apropriam da coluna, em sua versão impressa, antes de a mesma migrar para outras mídias, em que também seguem o rastro da narrativa. Para tanto, subvertem as lógicas de ofertas de sentido, presentes na topografia por meio da qual se organiza a edição do jornal como um todo. Desenvolvem operações que tangenciam o percurso interpretativo de leitura proposto pelo “contrato jornalístico”. Assim, antes da coluna se deslocar para outros sítios, ela é encontrada no meio do caminho, pelo leitor. Esse não segue a leitura página a página proposta pelo jornal. Vai direto ao encontro diário com o colunista. Pode ser que, eventualmente, acionado por uma chamada em primeira página, adie a conexão direta com a coluna. Mas, de modo geral, os leitores celebram o pacto diário de fidelização com o colunista, através de várias estratégias interacionais nas quais formulam votos de encorajamento e felicitações, além de outras manifestações de presença. Os leitores deslocam-se também para outras mídias, nas quais continuarão dialogando com o colunista, escutando o tema de seus comentários, dentro de minutos, em um programa radiofônico matutino; aguardando-o um pouco mais tarde, na televisão, no informativo da hora do almoço para saber como está o seu semblante. Ou ainda, conforme preferem os “leitores-arquivistas”, “perpetuando” com ele a experiência deste contato diário. Ao recortar a coluna diariamente, dão-lhe um outro destino, instalando-a no corpo de um arquivo pessoal, uma espécie de álbum de recordações. Sela assim, o leitor com o colunista, um vínculo de memória e de reconhecimento, algo que transcende o contrato, mas que deste resultam efeitos que serão confiados à história, e assim por diante.

A enunciação da doença

Em 2011, a coluna por ele mesmo chamada de generalidades³, introduz o complexo tema do câncer, ao lado de assuntos amenos, reflexivos e rememorativos, que caracterizam o foco do trabalho enunciativo do cronista. A “escritura da crônica” assume uma enunciação de cunho autorreferencial através da qual anuncia, em primeira pessoa, ser seu autor vítima de um câncer. Transforma-se o *status* de uma “palavra investida” pela lógica jornalística empresarial. Se ali, naquele espaço, estava incumbido, até então, para falar das generalidades, algo que lhe confere altos índices de popularidade e de leitura, a partir de agora o enunciador “desvia-se” deste mandato, para enunciar textos sobre os males que afetam a sua saúde. Introduz, em primeira pessoa, outra atividade enunciativa na corporeidade discursiva da coluna. Ou seja, desenvolve uma enunciação que poderia ser exemplificada segundo a formulação do autor do artigo: “Eis-me aqui, quero compartilhar com você, leitor, o mal que me aflige, e o faço escrevendo a crônica. Noticiando a minha própria doença”. Trata-se de um relato, mas, ao mesmo tempo, de uma espécie de pedido de “escuta”, aspectos que vão nortear o “contrato de leitura” deste espaço de produção de sentidos.

A circulação da enfermidade

Os discursos sugerem pensar se a coluna estaria permeada por marcas de um *diário* ou de uma *correspondência*. Mas diríamos também, de fragmentos, de marcas do relato de um repórter que de certa forma narra em primeira pessoa o acontecimento do qual é objeto. A narrativa sugere a existência de um trabalho discursivo no qual o autor realiza uma “cobertura comentada”, uma espécie de “se mostrar em cena”, que emerge da escritura da enunciação. Ou seja, há marcos explícitos de um trabalho de um discurso que se faz público. Nessas condições, procura construir vínculos com os leitores, dividindo com ele um relato que, aparentemente, pertenceria apenas ao mundo pessoal do enfermo e ao mundo médico-hospitalar-familiar. Se, durante muitos anos, a cobertura jornalística se preocupou em narrar “modos de morrer” dos “olimpianos” na esfera pública, desta feita o próprio ator trata de tecer a sua enfermidade, como acontecimento, como relato, sem intermediários. Essa estrutura de enunciação propõe, além do relato e comentários de notícias, o pedido de atenção para que seja acompanhado pelo “fiel-leitor”.

Em 2011, pelo menos 31 colunas trouxeram discursos diretamente associados à enfermidade. Essa primeira extração não será seguida de forma sequencial – dia após dia – pois outras operações nos permitirão compreender determinadas estratégias do trabalho enunciativo do sujeito. A leitura aqui realizada pretende descrever relações que envolvem o colunista com a instituição midiática, com os leitores, com a doença e,

3 - Paulo Sant’Ana entrevista a Press & Adversiting. Disponível em: http://www.revistapress.com.br/root/materia_detalle.asp?mat=15 Acesso em: 14 jul. 2011.

além dessas dimensões, suas relações com os processos de mediatização que fazem esta enfermidade transitar, produzindo sentidos. Resguardados os limites do espaço de um artigo, o que fazemos aqui é “seguir” o trajeto da coluna, mas chamando atenção para o percurso que o enunciador faz neste trabalho de circulação, que aborda sua enfermidade.

Em diferentes colunas, bem como manifestações em outras mídias, marcas de operações enunciativas constituem um corpo de textos, sobre este corpo que fala de sua condição enferma. No primeiro relato sobre sua doença em outra mídia, que não a coluna no jornal em 2011, o colunista o faz do telefone celular para um programa de rádio⁴, no qual mantém um quadro diário. Faz uma breve intervenção, espécie de “fragmento da coluna”, em que diz:

Na manhã desta quarta-feira vou me submeter a uma cirurgia. Ou melhor a duas cirurgias (...) para retirada de dois tumores, na garganta e outro na face direita. Não estou dirigindo (...) por isso resolvi ligar para o ‘Gaúcha Hoje’ e dar um esclarecimento aos meus leitores (Transmissão da Rádio Gaúcha em 23/1/2011).

No quadro do programa, dirigindo-se aos leitores, o colunista comenta sua cirurgia, e seu estado atual, por ele chamado de inatividade:

Eu me senti no dever de como homem de comunicação, telefonar para ti e de alguma forma depois de alguns dias de inatividade, eu me sinto útil e conversando contigo e com os ouvintes. Eu te mando um abraço e daqui a pouco entro na faca. (...). Se Deus e Nossa Senhora quiserem vai dar tudo certo, eu estou te ouvindo, estou atento aos acontecimentos na Líbia, aos acontecimentos de contaminação da água no Japão. Estou (...) em torno do rádio de ação em torno do mundo e do teu programa (...) (Transmissão da Rádio Gaúcha em 23/1/2011).

Narrado em primeira pessoa, o estado de saúde de Paulo Sant’Ana é a notícia em si, o acontecimento propriamente dito no momento em que se faz a sua enunciação.

Em 24 de março, os leitores encontram-se com o jornalista na internet, em uma coluna na forma de *blog* – “O *Blog* de Paulo Sant’Ana”. O texto (“Em direção ao hospital”) comunica sua hospitalização e é comentado por um internauta, em tom de familiaridade com o autor:

Paulo, oi, é a Cíntia Moscovich, mulher do Faccioli. Soube que te operaste. Se precisares de algo, avisa. Boa sorte, Cintia.

Duas semanas após a cirurgia, através da coluna, faz um relato de cunho próprio, no primeiro bloco de matérias sobre a cirurgia e os próximos passos de seu tratamento:

4 - Transmitido pela Rádio Gaúcha/Porto Alegre e apresentado por Antônio Carlos Macedo. O colunista fala no quadro que lhe é dedicado diariamente neste programa. Dirige-se aos leitores, para esclarecer-los, não só sobre a cirurgia que irá fazer, mas também justificando sua ausência no programa. O programa “Gaúcha Hoje” vai ao ar de segunda a sexta das 5h30 às 8h00.

Fui submetido a uma cirurgia na segunda feira (...) que me extraiu um gânglio de 12 nódulos; ao contrário do que extrai há 20 dias, era benigno. Agora é tratar, talvez com radioterapia.(...) Prá frente guerreiro! (ZH, 14/04/2011).

Em estilo telegráfico fala aos leitores pela primeira vez após a cirurgia. Sua mensagem contém o *informe* e uma avaliação sobre seu tratamento, desejando a si mesmo sorte e coragem... Um mês após o ocorrido, na coluna “A radioterapia” ele reporta sobre o seu tratamento, e faz questão de explicitar sobre a importância que tem o trabalho de midiatização para tornar público o combate que faz a enfermidade: “Perdoem que eu conte como vai meu tratamento. Ele é tão importante para mim, que não posso desligá-lo de meu trabalho, esta coluna” (ZH, 20/05/2011).

Antecipa com essa nota esclarecedora um longo relato, que ocupa toda a coluna, em que narra, como correspondente, detalhes da sessão de radioterapia. Paulo Sant’Ana descreve ações e cenas em que a radioterapia se passa. O relato é realizado em tempo presente, o que lhe permite operar mais como protagonista do que como testemunha das ações:

Todos os dias me envolvem numa máscara, que vem do teto da cabeça, até além de minha clavícula (...). Fico assim imobilizado, durante 20 minutos (...) tenho de passar meu tempo, tenho de driblar o tempo. Para isso, rezo. Rezo para pedir a Deus sorte (...). Isso tudo se realiza no COR [Hospital](...) Sinto-me tão bem lá, que estou propondo à direção (...) que se ponha na parede de uma sala o seguinte cartaz assinado por mim em homenagem aos funcionários: ‘Dá gosto adoecer com vocês’ (ZH, 20/05/2011).

No auge do processo radioterápico, dá-se um retorno à associação que faz entre o tratamento (alimentação, paladar, etc.) e o seu trabalho jornalístico. Na forma de uma mensagem na qual pede atenção aos leitores, no momento mesmo em que escreve, diz: “vejam que no momento em que faço a radioterapia, *rigorosamente*, perdi *inteiramente* o paladar, é que neste instante que resolvo fazer uma coluna, esta de hoje, inteiramente sobre comida” (ZH, 11/06/2011). Paulo Sant’Ana valida esse momento com expressões de forte avaliação, ao lado do pedido de atenção às suas palavras.

Um mês após anunciar na coluna o “*Fim da etapa crucial*” (qualificativo usado para referir-se às 31 sessões de radioterapia a que se submeteu), o jornalista chama o leitor para voltar ao clicRBS Videos e cotestemunhar o fim desta etapa do tratamento, por meio de uma entrevista disponível: “Ontem, o *clic* publicou uma entrevista... Nela conto como foi meu último dia de radioterapia. Confira”⁵. Na coluna é “celebrado” esse momento, no qual o colunista reconhece a importância do trabalho de midiatização: “aconteça o que me acontecer, não deixarei *nunca* de escrever minha coluna, nem que o tratamento me estraçalhe” (Fim da etapa crucial, ZH, 15.6.2011). O enunciado chama atenção para a relevância da coluna como um “dispositivo de contato” entre ele e os leitores.

5 - Publicado no Blog do Paulo Sant’Ana em 15/06/2011.

Tal percepção é por ele alargada ao chamar aos ouvintes, no mesmo dia, para lerem (verem) uma entrevista, publicada em um *site*, na qual comenta os aspectos finais da cena da radioterapia: “a interpretação para minha cena acima está hoje, em uma entrevista que dei para o Moises em *zerohora.com*” (ZH, 15.6.2011). Volta e enfatizar, por meio de seu testemunho, a produção e a circulação de mensagens como uma dimensão central desse acontecimento. Sabe-se que o testemunho é uma mensagem que traz marcas da autoria do enunciador, nem sempre explícitas em mensagens jornalísticas:

Uma coisa que eu dizia para mim, não vou parar de escrever a minha coluna, e eu não parei, são os meus leitores, meus colegas, as testemunhas deste fato que eu julgo indômito, também por um raciocínio que eu julgo estratégico. Se eu tivesse parado de trabalhar, eu não teria conseguido resistir às 31 sessões de radioterapia. O que me impelia a continuar e a resistir era o meu trabalho, era a minha coluna, era aquela sensação de utilidade que eu venho tendo há quarenta anos em Zero Hora. Todos os dias de manhã o leitor tem a minha coluna nos últimos quarenta anos. Tu achas que eu não tenho que ficar dominado por uma sensação de utilidade?, conclui interpelando o entrevistador (Site *Zerohora.com* - Quarenta e três dias cruciantes, 15/06/2011).

No dia seguinte, a coluna “Obrigado a todos”, relata o “périplo” que faz a várias mídias, na data do seu aniversário:

(...) de manhãzinha já estava no vídeo de ZH *online* (...) Até a noite de ontem, já tinha contabilizado 14 mil acessos (...) durante toda a *manhã* e a *tarde*, foram sucedendo em *aluvião* os telefonemas (...). No *Jornal do Almoço* (...) a generosidade dos meus colegas e chefes *botou no ar* comovedoras imagens. E a turma da Sala de Redação me cantou parabéns e honrou a memória sobre mim. *Antes*, no *Gaúcha Hoje* o {apresentador} já me havia chamado para fazer com ele aquele *bate-papo* (...) *E a noite* veio a cúpula da RBS (...) e vários colegas *leram*, em *jogral*, trechos da minha célebre coluna, aquela sobre meus amigos. É nestes instantes (...) que sinto que não passei em vão. E que sinto que sentem falta de mim (...) (*Zero Hora*, 16/06/2011).

A descrição do momento é pródiga de índices que sinalizam a sua protagonização – estar no meio – gerando o acontecimento. A compreensão da trajetória discursiva que Paulo Sant’Ana faz para midiaticizar a doença é tema nas diferentes mídias. O colunista ocupa-se também dos leitores, seja os que lhe confortam, seja os que lhe endereçam agressividade. Em *Gênio também cansa*, em 17/07/2011, ele diz: “nunca recebi dos leitores tanto reconhecimento e consagração, pessoalmente nas ruas e por mensagens”. Além disso, também lembra que “os gênios têm o direito de parar quando atingiram o seu apogeu”, fazendo deste registro uma associação indireta à sua pessoa. Sobre o apoio que recebe de muitas pessoas, comenta:

Sem elas não prosseguiria. E quanta gente me ajuda, nos consultórios médicos, nas clínicas, nos hospitais. Quanta gente me ajuda e quantas e quantas mensagens que recebo diariamente me encorajando a prosseguir e me garantindo que verei a luz no fim do túnel. Obrigado (O meu primeiro amor, ZH, 13/07/2011).

Certas conversas que tem com outros leitores viram temas de crônicas:

Perguntam se está tudo bem, respondo de forma surpreendente: 'Tudo mal'. Eles pedem explicação para minha resposta que lhes parece brutal e dou a explicação. Nada disso. Vai tudo mal. Se tenho câncer e por isso não tenho saliva, não tenho apetite e nem paladar, como poder ir tudo bem? Vai tudo mal, sim, senhores (ZH, 17/08/2011).

Na travessia discursiva, ele encontra outros discursos de leitores, que politizam a sua enfermidade. Um deles, contrariado com a manifestação de apoio que dera à decisão do governo brasileiro de não conceder extradição ao italiano Cesare Battisti, envia-lhe carta, por ele transcrita na coluna (Punhal brilhou no escuro, ZH, 12/06/2011), com o seguinte teor:

Eis a resposta que chegu do leitor. Ela queimou as mãos, fez arder meu corpo e meu espírito. Ei-la: 'Paulo Sant'Ana. É com uma tristeza muito grande que li sua coluna de hoje (10/06/2011). Uma pessoa que eu admirava, de repente passa a defender um marginal importado, como se não bastassem os nossos. O teu câncer é mesmo devastador, pois já corroeu teu cérebro. (ass) Pedro Gilmar Rauber. (ZH, 12/06/2011).

Paulo Sant'Ana encerra a coluna, fazendo um comentário à mensagem recebida: "A violenta ofensa me doeu mais que as dores e os incômodos terríveis que tenho recebido com a radioterapia. Mas, mais não posso nem devo dizer". Porém, evita a contenda e não interrompe a trajetória de notícias sobre o tratamento. Não polemiza com o leitor contrariado, pois entende que isso interromperia a travessia discursiva na qual ele se constitui, de fato, articulador de um outro trabalho interpretativo no âmbito de circulação de discursos.

O câncer não fica "encapsulado" na coluna do suporte impresso e circula num trabalho de enunciação, através de enunciados que tomam forma nos diferentes elos da cadeia de produção de sentidos. Torna-se conferencista em um debate sobre a prevenção do câncer: "discorrerei no debate sobre minha experiência de paciente com câncer" (Zero Hora, 30/08/2011). Oferece-se para mediatizar novas formas de campanhas sobre temas como o emagrecimento, decorrente das restrições impostas à alimentação sólida, circunstância que afeta alguns pacientes, como o é o seu caso. Na coluna de 07/10/2011 aborda "o emagrecimento", dizendo: "como não penso só em mim, imaginei como se sentem as pessoas que são obrigadas a emagrecer e assim têm que controlar sua alimentação...". Vê em ações de mediação uma resposta para tal "inferno": "fiquei com vontade de fazer uma absurda propaganda nesta coluna: se você quiser emagrecer ou ver amenizado seu diabetes, tenha um câncer. Mas não é irônico?". Comenta o câncer apresentado por Lula,

discordando de leitores que sugerem que ele deva ser atendido pelo SUS: “Já pensaram que tipo de grande encrenca estaria formada?” (ZH, 03/11/2011). Vira “intérprete” sobre o tratamento do ex-presidente explicando a função dos equipamentos. E ao comentar a decisão dos médicos em não optar pela cirurgia – temendo os efeitos dessa sobre a voz do paciente –, pergunta: “Já pensaram o Lula sem voz? A Dilma teria de ser reeleita” (ZH, 01/11/2011).

Conclusão

A descrição do caso em questão suscita reflexões, enquanto notas conclusivas. Revendo possíveis elos entre as três colunas acima reportadas, percebemos que a situação analisada projeta-se como outro elo na “paisagem discursiva jornalística”. Particularmente chama atenção o fato de seu enunciador ser convertido em dispositivo de narração, sendo fonte, objeto e dinamizador dos discursos nessa nova paisagem de circulação midiática. Não se trata mais do “velho” mediador e tampouco daquele que se constituiria apenas por um novo tipo de narrador. Nessa experiência, ele é visto como articulador, que agencia múltipla atividade discursiva e simbólica, deslocando-se entre vários lugares desta topografia discursiva, no ambiente da midiaticização. As condições de enunciação em torno das quais se engendra essa estratégia mostram suas relações com a própria história do processo enunciativo (TODOROV, 1970). Há uma passagem nos discursos do colunista em que ele comenta que mesmo que o tratamento o estraçalhe, ele se encarregará de fazer o noticiário de sua recuperação. O recurso da palavra tratamento está associado a duas noções de trabalho: (1) ao que o corpo é submetido por intermédio dos cuidados decorrentes dos processos terapêuticos; e (2) o de natureza enunciativa, no qual o sujeito faz a travessia do câncer por um novo tipo de ato jornalístico. Nessas condições, o enunciador é mais que um mediador e mais do que um ator. Rompe com esses lugares e se impõe como um operador de uma nova atividade discursiva que enseja a enunciação jornalística a fazer outro tipo de travessia, pela qual os sentidos atribuídos à sua enfermidade não ficaram confinados apenas, ao mundo privado do colunista

Referências

- BACKÈS-CLÉMENT, C. (1972). L'événement: porte disparu. In: *Communications*, n.18. Paris: SEUIL.
- BARBERO, J. M. (2003). *Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. UFRJ.
- BARTHES, R. (2005). Sostener un discurso. In: _____. *Cómo vivir juntos: simulaciones novelescas de algunos espacios cotidianos*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- BITONTE, M. E. (2009). Tres aportes a la noción de operaciones: Verón, Fisher, Goodman. In: *Figuraciones*, n. 6, dec.

CULIOLI, A. (2010). *Escritos. Compilación, prólogo y postfácio*: Sophie Fisher y Eliseo Verón. Buenos Aires: Santiago Arcos.

FABRI, P. (1999). *El giro semiótico*. Barcelona: Gedisa.

FAUSTO NETO, A. (1988). *O corpo falado; a doença e morte de Tancredo Neves nas revistas semanais brasileiras*. Belo Horizonte: PUC-MG/FUMARC.

FAUSTO NETO, A. (1991). *Mortes em derrapagem*. Rio de Janeiro: Rio Fundo.

FAUSTO NETO, A. (2006). Mutações nos discursos jornalísticos: Da 'construção da realidade' à 'realidade da construção'. In: FELIPPI, A.; SOSTER, D. de A.; PICCININ, F. *Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

FAUSTO NETO, A. (2008). Ombudsman: a interrupção de uma fala transversal. In: *Revisa Intexto*. Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 19, p. 1-15, jul/dez.

FAUSTO NETO, A. (2009). Enunciação mediática e suas "zonas de pregnâncias". In: VELÁZQUEZ, Teresa. *Revista Designis 13*. Buenos Aires: La Crujía.

FAUSTO NETO, A. (2011). El discurso periodístico en el divan de los internautas. In: FAUSTO NETO, A.; CARLON, M. (Orgs). *Las políticas de los internautas*. Buenos Aires: La Crujía.

LUPASCO, S. (1972). La logique de l'événement. In : *Communications*, n.18. Paris : SEUIL.

SODRÉ, M. (2006). *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes.

TODOROV, T. (1970). Freud sur l'énonciation. *Langages*, v. 5, n. 17.

VERÓN, E. (2001). *El cuerpo de las imágenes*. Buenos Aires: Norma.

Antônio Fausto Neto é professor titular da UNISINOS/PPPGCOM, doutor em Sciences de la Communication et de l'information - EHESS - França (1982), autor de *Mortes em derrapagem* (1991); *O impeachment da televisão* (1995); *Ensinando à TV Escola* (2001); *Desconstruindo os sentidos* (2001); *Lula Presidente - Televisão e política na campanha eleitoral* (2003); *O mundo das mídias* (2004).

afaustoneto@gmail.com

*Artigo recebido em setembro
e aprovado em novembro de 2011*